



CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

WELLINGTON PEREIRA DE LUCENA

Português: Uma Língua por Conhecer

Guarabira – PB

-2012-

WELLINGTON PEREIRA DE LUCENA

Português: Uma Língua por Conhecer

Artigo científico apresentado á Coordenação do Curso de Letras da UEPB - Campus III, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de licenciado em Letras, habilitação II (Inglês/Português).

Orientador: Prof^o. Ms. José Haroldo Nazaré Queiroga

Guarabira - PB

-2012-

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

L935p

Lucena, Wellington Pereira de

Português: uma língua por conhecer / Wellington Pereira de Lucena.
– Guarabira: UEPB, 2012.
23f.

Trabalho de Conclusão de Cursos (Graduação em Letras) –
Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. José Haroldo Nazaré Queiroga”.

1. Língua Portuguesa 2. Influência 3. Estrangeirismo
I. Título.

22.ed. CDD 469

WELLINGTON PEREIRA DE LUCENA

Português: Uma Língua por Conhecer

Artigo científico apresentado á Coordenação do Curso de Letras da UEPB - Campus III, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de licenciado em Letras, habilitação II (Inglês/Português).

Aprovado em 19 / 06 / 2012

COMISSÃO EXAMINADORA

José Haroldo Nazaré Queiroga CPF: 80530684-04

Prof. Ms. José Haroldo Nazaré Queiroga
Orientador

Wanilda Ligeia Vidal de Lacerda CPF: 025071614-34

Prof. Dr. Wanilda L. Vidal de Lacerda
Examinadora

Iara Ferreira de Melo Martins CPF: 727358724-91

Prof. Dr. Iara F. de Melo Martins
Examinadora

Guarabira - PB

Português: Uma Língua por Conhecer

LUCENA, Wellington Pereira de. Graduando em Letras pela UEPB. opipoco@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade demonstrar como a língua portuguesa vem se transformando ao longo do tempo e absorvendo novas formas e usos de palavras, como o uso dos estrangeirismos, em especial os Anglicismos. A inserção de subsídios estrangeiros na nossa língua é um fenômeno sociolinguístico ligado ao prestígio de um idioma, visto por muitos com admiração ou até mesmo como puro modismo. A Língua Inglesa, considerada uma língua universal, permite o mínimo de comunicação entre todos, mas seu uso em abuso pode resultar num processo de transformação idiomática de uma nação. Ao longo do trabalho fica claro que essa liderança dialética do Inglês é reflexo de vários fatores, dentre os mais relevantes estão a globalização, o poder econômico e a necessidade de inclusão na sociedade, tudo isso conseqüentemente influencia não só a nossa língua, como também a nossa cultura. Verifica-se, porém, que o uso do estrangeirismo é inevitável, devendo ser aceito, desde que sem exageros.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Influências; Transformação; Estrangeirismos.

ABSTRACT

This study aims to demonstrate how the Portuguese language has been transformed over time and absorbing new forms and uses of words, such as the use of foreignness, particularly Anglicisms. The insertion of foreign subsidies in our language is a phenomenon linked to the sociolinguistic prestige of a language, viewed by many with admiration or even as hype. The English language is considered a universal language, allows a minimum of communication between everyone, but its use in abuse can result in a transformation process of a nation idiomatic. Throughout the work it is clear that this dialectic of English leadership is a reflection of several factors, including the most significant are globalization, the economic power and the need for inclusion in society, all, thereby influencing not only our language but also our culture. There is, however, that the use of foreign words is inevitable and should be accepted, provided that without exaggeration.

Key-words: Portuguese Language; Influences; Transformation; Foreignness.

1- INTRODUÇÃO

A linguagem é a faculdade do ser humano de se expressar. É uma característica que o diferencia dos outros animais. Ela permite que o homem se comunique, formule leis, crie noções e entre na essência dos fenômenos. A linguagem serve ao pensamento, o qual, sem ela, jamais poderia existir. E a língua é o mecanismo de linguagem utilizado por um grupo de indivíduos para transmissão de ideias, de pensamentos. Nesse contexto procuramos desenvolver a pesquisa intitulada, **Português: Uma Língua por Conhecer**, propiciando uma reflexão a cerca do uso de estrangeirismos na língua portuguesa.

A linguagem não é só um sistema, um instrumento utilizado para a comunicação ou veiculação de informações, mas principalmente, uma forma de mostrarmos socialmente aquilo que pensamos que somos o que entendemos do mundo, o que gostaríamos que os outros enxergassem em nós (SAUSSURE 1969).

Assim como todos os idiomas, a língua portuguesa sofreu uma evolução histórica, sendo influenciada por vários idiomas e dialetos até chegar ao estágio em que se encontra atualmente. Podemos observar, nesse processo de evolução, que muitas palavras desapareceram, enquanto novas surgiram. É um processo que nunca tem fim, nesse contexto histórico fazemos uma retrospectiva da formação da língua portuguesa como nosso objeto de estudo.

Não se pode falar em língua pura. Pode-se se falar apenas que uma língua é menos ou mais influenciada por outras. E a língua portuguesa não é diferente: é heterogênea e variável. No Brasil, em virtude da demografia histórica, da escravização dos negros africanos, do contato com os indígenas, e do contato com várias outras nações, a língua portuguesa também sofre diversas influências.

O estrangeirismo é uma constante nos processos culturais de todo o mundo, provenientes de colonização, miscigenação, das mudanças sociais. E são nos dias atuais, em virtude da globalização, que se vem permitindo, cada vez mais, a troca de informações entre falantes das mais variadas línguas.

A língua é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. É mutável, vive em constante evolução, acompanhando as mudanças do organismo social que a criou (CUNHA e CINTRA, 2008).

Para uma maior compreensão do conteúdo enfatizado no presente artigo faz-se necessário conhecer de como se deu a formação da Língua Portuguesa e seu desenvolvimento ao longo dos anos em nosso país. Para tanto, faremos uma viagem ao passado e analisaremos brevemente através da nossa história, como tudo se passou até chegarmos a esse Português contemporâneo.

2- O SURGIMENTO DA LÍNGUA PORTUGUESA

O surgimento da língua portuguesa está ligado ao processo de constituição da Nação Portuguesa. É a continuação ininterrupta, no tempo e no espaço, do latim que chegou à Península Ibérica com a romanização dos povos do oeste e noroeste no início do séc. III a.C (BECHARA, 2006).

No sul da Península Itálica, na região do Lácio, onde foi fundada a cidade de Roma, vivia um povo de cultura rústica, que falava a língua latina, que veio a desempenhar um importante papel na história da civilização ocidental. Com as conquistas do Império Romano, novos povos passaram a se juntar aos romanos, sendo impostos aos dominados os seus hábitos, instituições, padrões de vida, suas leis, sua língua (CUNHA e CINTRA, 2008).

Até a metade do séc. IV a.C, os romanos ainda não haviam feito muitas conquistas externas. Mas, com a Guerra dos Samnitas, iniciada em 326 a.C e terminada em 295 a.C, com a Batalha de Sentino, começou a penetração dos romanos na Península Itálica (CUNHA e CINTRA, 2008).

Foram ocorrendo sucessivas conquistas entre o período de 241 a.C a 107 d.C, sendo subjulgados os territórios da Sicília, da Sardenha e da Córsega, da Ilíria, da costa oeste e sul da Península Ibérica, dos reinos helenísticos do Oriente, da Gália Cisalpina, da Ligúria, de Cartago e Norte da África, da Macedônia e da Grécia, da Gália Narbonense, da Gália do Norte, da Méria, do Noroeste da África, do resto da Península Ibérica, da Nórica, da Récia, da Panônia, do resto da Mauritânia, da Bretanha, da Trácia, da Dácia, da Arábia Pétria, da Armênia e da Mesopotâmia, atingindo o máximo de sua expansão geográfica com a anexação da Dácia - Romênia (CUNHA e CINTRA, 2008).

Desse modo, ao estenderem seus domínios, os romanos ensinavam e aprendiam com as novas civilizações, propagando sua cultura, suas instituições, e assimilando os hábitos de vida dos povos conquistados. Desde o séc. III a.C, sob influência grega, o latim escrito foi se aperfeiçoando, até atingir, no séc. I a.C, a perfeição da prosa de Cícero e César, ou da poesia

de Horácio. Consequentemente, essa língua literária, praticada pela elite, foi se separando do latim corrente – o latim vulgar –, falado pelos mais variados povos da Itália e das províncias (CUNHA e CINTRA, 2008).

Falado pelos soldados, marinheiros, colonos, funcionários romanos, o latim vulgar foi se diversificando com o tempo, surgindo, assim, as chamadas línguas românicas. Não mais havia no Império, a partir do século III da era cristã, uma unidade linguística, embora as comunidades continuassem interligadas (CUNHA e CINTRA, 2008).

Vale destacar vários fatos históricos que contribuíram para a dialeção. Em 212, com o Édito de Caracala, foi estendido a todos os indivíduos livres do Império o direito de cidadania, não mais sendo privilegiados os povos de Roma e da Itália. De 284 a 305, Dioclésio tornou obrigatório o uso do latim. Em 330, Constantino transferiu a sede do Império para Bizâncio, a nova Constantinopla. No final do séc. IV, em 395, com a morte de Teodósio, o domínio foi dividido em Império Romano do Ocidente e Império Romano do Oriente. Este último durou até 1453, enquanto que o primeiro permaneceu apenas até 476 (CUNHA e CINTRA, 2008).

No final do séc. V, os falares regionais já se aproximavam mais dos idiomas românicos do que do próprio latim, iniciando-se o período do romance, ou romanço, língua vulgar da fase de transição da qual se originam textos redigidos em línguas românicas: francês, espanhol, italiano, sardo, provençal, rético, catalão, português (séc. XIII), franco-provençal, dalmata e romeno (CUNHA e CINTRA, 2008).

Depois do processo de romanização, a Península Ibérica foi invadida pelos germânicos que trouxeram diversas influências, contribuindo para a fragmentação da língua naquela região.

Já no séc. VII, foi a vez dos árabes invadirem a Península, deixando suas marcas na cultura e na língua, embora sem força suficiente para apagar a forte influência românica já exercida sobre aquele povo.

3-A EVOLUÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Foi durante o domínio árabe que as características distintivas dos romances peninsulares se acentuaram, constituindo-se uma unidade linguística que se conservou homogênea até a metade do séc. XIV – o galego-português.

No séc. XIII, com os primeiros documentos redigidos em galego-português, se inicia a fase histórica da língua portuguesa. Assim como todos os idiomas, a língua portuguesa estava em um constante processo de evolução, no tempo e no espaço.

O processo de evolução do latim ao português atual, segundo José Leite de Vasconcelos *apud* Cunha e Cintra (2008), pode ser distinguido em cinco etapas:

a) latim lusitânico, falado na Lusitânia desde a implantação do latim até o séc. V, não constando nenhum documento;

b) romance lusitânico, falado na Lusitânia, do séc. VI ao séc. IX, também sem nenhum documento;

c) português proto-histórico, também falado na Lusitânia do séc. IX ao séc. XII, com algumas características nos textos bárbaros;

d) português arcaico, que vai do séc. XIII à primeira metade do séc. XVI, quando a língua começa a ser codificada gramaticalmente; e

e) português moderno, da segunda metade do séc. XVI até os dias atuais.

Nos séculos XV e XVI, com os descobrimentos marítimos, os portugueses levaram a sua língua a outras regiões, outros povos. A língua portuguesa é hoje a língua oficial do Brasil, de Portugal, de Angola, de Cabo Verde, de Guiné-Bissau, de Moçambique, de São Tomé e de Príncipe e de Timor Leste (CUNHA e CINTRA, 2008).

4-A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

O Brasil, um país imenso, com um território de mais de 8 milhões de quilômetros quadrados, possui um só idioma e de importância internacional: a rica língua portuguesa. Embora os portugueses tenham chegado ao Brasil em 1500, a colonização apenas se iniciou em 1532, quando foram criadas as capitanias hereditárias.

Aos portugueses se juntaram os índios, povos nativos da região, depois os escravos trazidos da África. Esses três povos, além de vários outros vindos da Europa, contribuíram fortemente para a formação da população brasileira.

4.1 Fatos históricos

O Brasil, quando aqui chegaram os portugueses, era povoado pelos índios, vindo em seguida, os escravos africanos. Esses três povos se juntaram durante o período colonial, formando a nação brasileira. No início, somente o litoral era colonizado. Com a fundação da cidade de São Paulo em 1554 e a descoberta do ouro em Minas Gerais, no séc. XVIII, os povos foram se instalando no interior do país. Segundo Teyssier (1997), a situação linguística do Brasil nesse período se mostrava da seguinte forma:

Os “colonos” de origem portuguesa falam o português europeu, mas evidentemente com traços específicos que se acentuam no decorrer do tempo. As populações de origem indígenas, africana ou mestiça aprendem o português, mas manejam-no de uma forma imperfeita. Ao lado do português existe a *língua geral*, que é o tupi, principal língua indígena das regiões costeiras, mas um tupi simplificado, gramaticalizado pelos jesuítas e, destarte, tornado uma língua comum. Enfim, muitos povos indígenas conservam os seus idiomas particulares, que se denominam *línguas travadas*. Durante muito tempo o português e o tupi viveram lado a lado como línguas de comunicação. (TEYSSIER, 1997, p. 94)

Assim, o português e o tupi conviveram bem até o final do séc. XVIII. Mas a obrigatoriedade do uso oficial da língua portuguesa e a proibição da língua tupi pelas leis pombalinas em 1757, a expulsão dos jesuítas do Brasil – os protetores do tupi – bem como a chegada de numerosos imigrantes portugueses, contribuíram para a decadência da língua nativa.

Quando o Brasil se tornou independente em 1822, procurou-se valorizar tudo aquilo que poderia ser diferente de Portugal. Permitiu-se uma infiltração das influências de outras culturas europeias, tais como a francesa, a italiana, a alemã, entre outras.

Por volta de 1870, com o Romantismo, buscou-se a originalidade em nossa língua, para torná-la mais viva e autêntica. E é José de Alencar o maior crítico ao purismo exigido pelos padrões dos escritores portugueses naquela época.

Embora no séc. XIX tivessem surgido escritores adeptos ao tradicionalismo – Machado de Assis e Rui Barbosa, por exemplo –, no séc. XX os escritores procuram “falar” a língua do povo, recheando suas obras de brasileirismos. E, com o Modernismo, a língua

falada no Brasil ganha força. Há uma recusa às influências europeias e um esforço para definir uma língua originariamente brasileira e autêntica (TEYSSIER, 1997).

4.2 As principais características do português no Brasil

O português no Brasil possui um vocabulário atual diferenciado do de Portugal. Algumas palavras têm significados bem diferentes, como por exemplo: *ônibus* no Brasil chama-se *autocarro* em Portugal. E várias palavras eram escritas de formas diferentes, tais como *ação* no Brasil, e *acção* em Portugal. Com a Nova Reforma Ortográfica (que entrou em vigor em 2009), os vocábulos passaram a ser grafados da mesma forma nos países que têm a língua portuguesa como língua oficial. Os filólogos, de um modo geral, reconhecem que, hoje, o Brasil possui uma originalidade linguística muito rica, em virtude de um processo histórico, e que Portugal possui uma unidade linguística superior incontestável.

No Brasil, as variações dialetais são mais socioculturais do que geográficas. Primeiro, aparece a língua dos cultos; em seguida, a língua vulgar, das camadas menos instruídas; e, por último, os falares regionais e rurais (TEYSSIER, 1997).

4.3 O estrangeirismo na língua portuguesa

O estrangeirismo é o uso de palavras, expressões ou construções oriundas de um outro idioma tomadas como empréstimos por uma determinada comunidade.

É um fenômeno histórico-social marcante e, no mundo globalizado em que vivemos, propicia, agiliza e facilita os contatos entre diversas nações. Em todas as épocas, e em toda parte do mundo, especialmente nos dias de hoje, com modernas tecnologias na área de comunicação, a troca de informações entre as mais diferentes culturas e línguas resultam uma circulação de hábitos, moda, produtos de um modo geral, entre outros, propiciando a penetração de vocábulos pertencentes a um determinado idioma em outras línguas. É o que ocorre também com a língua portuguesa.

Veremos a seguir como as diferentes culturas presentes no nosso dia-a-dia influenciam para aumentar os estrangeirismos, abordaremos um aspecto teórico do que realmente é

estrangeirismo, as polêmicas que permeiam esse assunto e alguns exemplos que pertencem ao nosso cotidiano, mostrando como os estrangeirismo (principalmente o Inglês) estão ligados à nossa fala, hábitos, alimentação, rotina etc.

5- O USO DOS ESTRANGEIRISMOS

A língua portuguesa não é uma unidade, não é um veículo de cultura uniforme. No caso do português no Brasil, o maior número de empréstimos é, atualmente, proveniente da língua inglesa, mais precisamente dos Estados Unidos. Não é por acaso que há uma adoção indiscriminada de nomes próprios em inglês, sobretudo nos estratos sociais urbanos, bem como nas designações de estabelecimentos comerciais, estes presentes nos grandes centros e também nos mais afastados lugarejos (CARVALHO, 2009).

Carvalho (2009, p. 37), a respeito de mudanças linguísticas, afirma:

A língua se faz mediante mudanças que são manifestações de criatividade na linguagem. Mas estudar mudanças não consiste apenas em estudar alterações e desvios.

As necessidades expressivas se renovam, porque o homem não pensa e diz aquilo que pensou e disse antes. Como a língua não é um produto pronto e acabado, ela se refaz continuamente e se fundamenta em modelos anteriores. Ela é dinâmica, porque a atividade linguística é falar e entender algo novo por meio de uma língua.

Assim, esse dinamismo da língua é resultante de alguns fatores: da convivência de populações diferentes em um mesmo território, como por exemplo, os empréstimos árabes deixados à língua da Península Ibérica; do predomínio cultural de um país em determinada época, como a penetração dos italianismos na língua portuguesa na época renascentista; e do poder econômico de uma nação sobre outras, que leva, junto com sua tecnologia, com sua ciência, sua língua (CARVALHO, 2009).

Desse modo, torna-se muito difícil, hoje, evitar os empréstimos linguísticos, uma vez que a situação político-econômica mundial faz com que outras línguas se incorporem a outros idiomas. E é a partir da frequência de uso de palavras que se detecta qual língua exerce mais

influência sobre outro idioma. E a cultura/povo que exerce maior influência no português brasileiro, atualmente, sem dúvida, é a globalizada língua inglesa (CARVALHO, 2009).

Hall (2006), compartilha com esse pensamento quando cita: A “globalização” se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de tempo-espço, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado. (HALL, 2006, p. 67)

Um sujeito, nos mais distintos agrupamentos de que faz parte, emprega universos simbólicos na expressão de valores sociais, morais, culturais e políticos, de modo que se estabeleça entre ele e seu grupo uma coesão e uma interação permeada pela comunicação, daí serem adotados diversos estrangeirismos à nossa língua.

Trata-se de uma identificação social ou cultural por meio de adoção de determinados símbolos no discurso – no caso os empréstimos, como ferramenta de identificação entre o objeto do discurso e a sua valorização atribuída à menção de uma língua considerada elitizada. O empréstimo da língua inglesa no Brasil contemporâneo, dessa forma, representa mais que uma necessidade: falar inglês é mostrar-se um indivíduo superior aos outros, capacitado para falar essa língua elitizada.

Para Brandão (2004, p. 42), “os processos discursivos constituem a fonte da produção dos efeitos de sentido no discurso e a língua é o lugar material em que se realizam os efeitos do discurso”, de modo que um estrangeirismo seja a fonte desse efeito para os ouvintes.

Considerando-se que a identificação semântica de vocábulos de língua estrangeira – e mesmo a sua correta pronúncia – não sejam de domínio de grande parte da população, o emprego de estrangeirismos sem necessidade denuncia uma busca de sofisticação e de elitismo. Em se tratando de anglicismos, mais especificamente, pode-se associar a essa busca a tentativa de aproximação de uma sociedade que se observa mais próspera que a do Brasil. Consoante a isso, Garcez e Zilles (2004) declaram que:

Em uma sociedade como a brasileira, na qual é imensa a disparidade na capacidade de consumo dos cidadãos e na qual a classe social consumidora sofre de grande insegurança social e se mira em modelo externo de consumo, norte-americano ou europeu, não surpreende que o anglicismo se preste para marcar a diferenciação competitiva entre quem dispõe desse capital simbólico e a massa não-consumidora. (ZILLES, 2004, p. 23)

Imitação ou identificação, usar termos em inglês soa como sofisticação e elegância por parte do falante. Para ele, ser moderno, estar na moda, ser atual é usar os mesmos termos que o país de referência usa. Qualquer modificação formal em benefício do acervo lexical brasileiro desconfiguraria, portanto, a elegância das unidades lexicais inglesas.

Os processos midiáticos e a publicidade aproveitam essa valorização, por parte do consumidor, e abusam da substituição de vocábulos da língua portuguesa por estrangeirismos. Para Schmitz (2004, p. 95), “é necessário um pouco de bom-senso [...]. Muitos estrangeirismos [grifo do autor] são desnecessários, mas os termos no momento são essenciais para a progressão temática do discurso.” Dentro da perspectiva da globalização, são os meios de comunicação que se revelam particularmente eficazes no desenhar, no tecer o inimaginável de todo ser humano. São os responsáveis, sempre, por nos fornecer uma delicada dose de magia dentro de um mundo que, por vezes, não é tão mágico assim. Nem todos os indivíduos, entretanto, são igualmente atingidos por esse processo, uma vez que eles encontram obstáculos na diversidade das pessoas e em diferentes lugares.

Fielmente ligados à noção de aldeia global, que é tida como “uma expressão da globalidade de ideias, padrões e valores sócio-culturais, imaginários” (Ianni, 2004, p. 119), os meios de comunicação podem expandir suas influências em todos os aspectos. Eles detêm um determinado controle sobre como determinados fatores nacionais, regionais, locais ou mundiais serão difundidos mundo afora.

Esse processo de revolução cultural, que passou a influenciar o comportamento do homem, aconteceu de forma lenta e, para alguns grupos sociais, não houve respeito às suas culturas - o que, de certa forma, transparecia que os mesmos já estavam inseridos nesse processo naturalmente. O fenômeno da comunicação de massa, depois dos anos 1980, com o processo de informatização e, em seguida, com o surgimento da rede mundial de computadores, supervalorizou a internacionalização instantânea da comunicação.

Ferramenta que beneficiou o processo de globalização, ao eliminar fronteiras e barreiras para a comunicação com outras nações, a Internet acelerou a autonomia entre os povos de cada região, tornou dinâmico o processo de ensino e aprendizagem e influenciou o desenvolvimento social e moral das pessoas. Imaginem-se milhares de informações acessíveis a indivíduos pertencentes às mais diferentes culturas, nos mais diversos lugares.

Dessa forma, o acesso às informações, ao conhecimento de novas tradições e aos costumes é totalmente acessível, e essa grande acessibilidade que a Internet proporciona, pode ser benéfica em vários aspectos, mas pode também acarretar declínio de conceito de sociedade local, uma vez que se passa por um processo de multiculturalismo.

Participar desse processo de globalização exige competência intercultural, uma vez que as pessoas sentem a necessidade de adaptar-se a diferentes estilos de ser, de operar e de comunicar-se. Essa competência implica conhecer outras culturas e as diversas maneiras como as pessoas se comunicam.

[...] sempre se pensou que só pode haver um único motivo para alguém querer aprender uma língua estrangeira: o acesso a um mundo melhor. As pessoas se dedicam à tarefa de aprender línguas estrangeiras porque querem subir na vida. A língua estrangeira sempre representou prestígio. Quem domina uma língua estrangeira é admirado como pessoa culta e distinta (RAJAGOPALAN, 2003, p. 65).

O estrangeirismo, por conseguinte, deixa de ser mera necessidade e passa a ser um mecanismo de inclusão ou de exclusão de indivíduos numa determinada esfera social. As sociedades dominantes sabem de sua capacidade de imposição de determinados valores e o estrangeirismo passa a se constituir ferramenta de discursos globalizados.

Essa forma de dominação pouco é percebida por aqueles que a absorvem e que aceitam passivamente a mudança sociocultural e a uniformização advinda da adoção da cultura dominante. A língua passa a ser meio de dominação ao acompanhar a disseminação de valores, a aquisição de produtos, a negociação entre países.

Muitos estrangeirismos são usados no Brasil. Alguns deles já fazem parte de nosso dia-a-dia. Outros, porém são usados de forma errônea, se considerarmos seu significado original. Mas esse processo sociocultural adotado em nosso país trouxe essas expressões usadas constantemente.

Não é preciso andar muito para encontrar diversos estrangeirismos espalhados, eles estão por todas as partes: em lojas, supermercados, produtos de beleza, marcas de roupas, etc. Para ilustrar o excesso de estrangeirismos na língua portuguesa no Brasil, provenientes dos vários contatos, especialmente com o povo norte-americano, citaremos a música “Samba do approach”, composta por Zeca Baleiro:

Venha provar o meu brunch
 Saiba que eu tenho approach
 Na hora do lunch
 Eu ando de ferryboat
 Eu tenho savoir-faire
 Meu temperamento é light
 Minha casa é hi-tech

Toda hora rola um insight
 Já fui fã do Jethro
 Hoje me amarro no Slash
 Minha vida agora é cool
 Meu passado é que foi trash
 Fica ligada no link
 Que eu vou confessar meu love
 Depois do décimo drink
 Só um bom e velho engov
 Eu tirei o meu green card
 E fui para Miami Beach
 Posso não ser um pop star
 Mas já sou um noveaiu ric
 Eu tenho appeal
 Saca só meu background
 Veloz como Demom
 Hill Tenaz como Fittipaldi
 Não dispense um happy end
 Quero jogar num dream teen
 De dia um cacho man
 E de noite um drag queen

Convém, ainda, citar trechos da música “Estrangeirismos”, composta por Carlos Silva e Sandra Regina, que retrata bem as influências do inglês na língua portuguesa, importadas especialmente dos Estados Unidos da América:

Outro dia me chamaram para ir ao McDonald’s comermos cheese burgers. O salão estava lotado e fizemos o pedido por um tal de drive thru. Os colegas percebendo a minha irritação, disseram: se tu tiver com pressa, eles têm um sistema delivery maravilhoso. Desacostumado com esse linguajar, chamei os cabras: vamos simhora (...)

Seguimos mais adiante avistamos um restaurante bonito e luxuoso e na porta de entrada uma luz néon piscando escrita OPEN. Quando olhei pro chão, pude ver estampado um capacho com uma bandeira americana me convidando: WELCOME. Ao adentrarmos naquele recinto, eu pude observar na sua decoração, e nas paredes estava escrito: ICE CAKE, CHEESE CAKE, CHEESE BURGER E FAST FOOD. Eu pensei comigo FOOD na Bahia a gente USA numa outra situação.

Observamos que, nessas músicas, os compositores usam o exagero para criticar, de uma forma bem humorada, o uso dos estrangeirismos na língua portuguesa no Brasil.

Várias discussões, comentários e análises têm sido feitos a respeito da língua portuguesa, não só da língua falada ou da língua escrita, mas também sobre suas variantes, a norma culta, a respeito dos conceitos de linguagem, sobre a questão da dominação, sobre a

questão de se ter uma língua única e pura, sobre a identidade nacional e especialmente sobre o uso, ou mais ainda, sobre os abusos dos estrangeirismos pelos brasileiros.

Na concepção purista da língua, a língua “pura” seria uma língua “limpa”, sem a incorporação de palavras estrangeiras, ou seja, preservada de empréstimos e mais ainda protegida do seu uso exagerado. Visam, então, os “puristas” a conservação de uma língua imutável, conservada em sua integridade e juventude. Referindo-se a essa concepção, Bréal (1992) afirma que os “puristas” acreditam que a língua se assemelha à pureza da raça, motivo pelo qual entendem que a palavra estrangeira representa uma contaminação que deve ser repudiada.

Entretanto, sabe-se que, desde os primórdios, o homem não pertence apenas a um único grupo étnico ou nacional, uma vez que ele necessita fazer comunidades que compartilhem ideais (BRÉAL, 1992). Diferentes grupos sentem a necessidade de se encontrar, trocar experiências, e isso se faz por meio da ciência, da música, filmes, literatura, moda, garantindo, assim, a incorporação de uma língua à outra.

Segundo Mattoso Câmara Jr. (1989), a língua não é propriedade privada – tudo é socializado. A variabilidade da língua se faz no espaço, na hierarquia social, no tempo, e de indivíduo para indivíduo, visando alcançar maior expressividade na comunicação.

No atual cenário mundial não é diferente. A língua, em virtude do mundo globalizado, por meio dos avanços da ciência e tecnologia vem, cada vez mais, ultrapassando barreiras, no campo político, econômico e sociolinguístico. E é nesse cenário mundial, de intercâmbio social, cultural, político, econômico, que as línguas influenciam as outras e de outras sofrem múltiplas influências.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando fazer uma reflexão acerca da influência do estrangeirismo na língua portuguesa, procuramos esclarecer os mitos sobre o uso de empréstimos linguísticos demonstrando a importância deles em nossa língua. Constatamos que são elementos enriquecedores, mas que não devem ser usados de forma abusiva, o que pode tornar a linguagem pedante, esnobe e de difícil compreensão.

A língua é um organismo vivo, nunca acabado, está em constantes transformações. Não é estática, imutável, inerte.

É importante anotar que o processo linguístico e suas contribuições foram e sempre serão importantes para a composição do sistema lexical de todas as línguas. Entretanto,

devem-se preservar os termos já existentes na língua portuguesa, em manifestação de amor ao nosso idioma.

O estrangeirismo se encontra presente em todas as línguas do mundo. É um fenômeno natural. Os empréstimos linguísticos surgem das relações entre os povos, em virtude de processos de colonização, de miscigenação, ou seja, da interação entre culturas diferentes, de línguas diferentes.

Observa-se assim que o uso de empréstimos linguísticos por todos os povos não é uma prática nova, vem ocorrendo desde que o homem buscou novas regiões para dominar e ampliar os seus impérios. Mas, sem dúvida, fatos e descobertas recentes têm provocado uma modificação considerável no uso do estrangeirismo.

A globalização é responsável pelo rompimento de barreiras entre várias nações, de forma rápida e dinâmica. Integra e conecta diferentes comunidades, facilitando a troca de informações por meio de um poderoso aparato tecnológico de comunicação. E as pessoas vão se adaptando aos diferentes estilos de ser, de operar e de comunicar-se. Após a década de 80, com o processo de informatização e com o surgimento da rede mundial de computadores, o fenômeno da comunicação de massa se intensificou. O desenvolvimento de novas tecnologias, especialmente da internet acarretou uma verdadeira revolução cultural, que passou a influenciar o comportamento dos indivíduos de uma forma bastante rápida e dinâmica.

O Brasil, formado por um território gigantesco, um dos maiores países do mundo em extensão, mantém sua unidade linguística, com um idioma comum, plenamente compreensível por todos os brasileiros, independente do grau de instrução ou espaço geográfico. E esse é o elemento mais marcante da nossa identidade nacional.

A língua portuguesa, todavia, como ocorre com todas as outras línguas, sofre interferências de outros idiomas, bem como também os influencia. E nos últimos séculos, tem-se percebido uma presença mais intensa da língua inglesa em nosso idioma. O domínio econômico, científico e tecnológico da Inglaterra, e atualmente dos Estados Unidos da América, tem interferido de forma avassaladora, impondo seus valores e trazendo com estes os empréstimos linguísticos.

Assim, percebe-se que o motivo da valorização dos estrangeirismos em inglês é o contato cotidiano com a língua inglesa, mais precisamente com os norte-americanos, em virtude da globalização. Alguns brasileiros exageram, por acreditarem que o uso de palavras ou expressões da língua inglesa passa uma ideia de *status*, de comportamento fino e elegante.

A língua portuguesa já nasceu com influências de outras línguas, que, por sua vez, já eram influenciadas. Nenhuma nação vive isolada e afastada completamente do restante do

mundo. As transformações fazem parte do curso natural das línguas, e os empréstimos linguísticos contribuem para o seu enriquecimento.

Na verdade, o estrangeirismo não constitui uma realidade isolada. Ele surge inserido nas estruturas frasais da língua portuguesa, muitas vezes hibridamente flexionados. O estrangeirismo participa, pois, dos próprios processos culturais e da convergência de interesses cerceada pela imposição da mídia.

Usar o empréstimo linguístico seria, então, uma opção mais por imposição de uma estrutura que por consciência. Se, por um lado, isso representa modificação da linguagem, por outro representa um enriquecimento cultural.

Assim é interessante ressaltar que não se pode, num mundo cujo funcionamento tem se globalizado e cujas relações se fazem por meios como a televisão e a Internet, isolar completamente uma cultura ou uma língua. Mais importante seria tornar os usuários dessa língua cientes do fenômeno para que essa adoção de estrangeirismos seja uma mera opção do falante. É preciso ter essa consciência para que se faça melhor uso de tão rica troca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2006.

BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2ª ed. rev. Campinas: Unicamp, 2004

BRÉAL, M. **Ensaio de semântica**. Trad. Brás, São Paulo, Pontes/Educ. 1992

CAMARA Jr., J. Mattoso. **Princípios de Lingüística Geral**. Rio de Janeiro: Padrão, 1989.

CARVALHO, Nelly. **Empréstimos Lingüísticos**. São Paulo: Ática, 2009.

CUNHA, C. & CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

GARCEZ, Pedro M.; ZILLES, Ana Maria S. Estrangeirismos: desejos e ameaças. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. 3ª ed. São Paulo: Parábola, 2004. p. 15-30.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidade e modificações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix/ Edusp, 1969.

SCHMITZ, John R. O projeto de Lei n. 1676/99 na imprensa de São Paulo. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. 3ª ed. São Paulo: Parábola, 2004. p. 85-106.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa** (tradução de Celso Cunha). São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Estrangeirismos. Disponível em: http://letras.terra.com.br/carlos_silva/1093608/. Acessado em: 16/04/2012. **Pronunciamento de Senador**

Samba do Approach. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/zeca-baleiro/43674/>.
Acessado em: 20/04/2012.

ANEXOS

ALGUNS ESTRANGEIRISMOS USADOS NO BRASIL

1. Outdoor	2. Fitness
3. Shopping	4. Happy Hour
5. Ok	6. Playground
7. Brother	8. Coffee-break
9. Call	10. Xerox
11. Center	12. VIP
13. Delivery	14. Download
15. Drive-thru	16. Hair Stylist
17. Designer	18. On
19. Fashion	20. Off
21. Jeans	22. Gay
23. Link	24. Drag queen
25. Teen	26. Grill
27. Zip	28. Airbag
29. Light	30. Doping
31. Internet	32. Baby
33. E-mail	34. Back-up
35. Site	36. Back-stage
37. Shampoo	38. Bacon
39. Show	40. Blazer
41. Hot dog	42. Blog
43. Marketing	44. Blush
45. Fast Food	46. Chat
47. Pop Star	48. Check-in / Check-out / Check-up
49. Ketchup	50. Chip